

# Kearney, Richard. 2021. *Touch: Recovering Our Most Vital Sense*. Nova Iorque: Columbia University Press.

JOSÉ CANDEIAS

Universidade Nova de Lisboa.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

josecandeias031@gmail.com

Publicado em 2021 e escrito maioritariamente antes do começo das transformações do quotidiano humano resultantes da pandemia de COVID-19, o mais recente livro de Richard Kearney dirige-se, algo profeticamente, a um conjunto de temas que os sucessivos confinamentos tornaram (ainda) mais salientes. Entre as questões abordadas pelo autor encontramos a “escarnação” do sujeito, a dialética distância-proximidade, a epistemologia e a ética da prática médica, e muitas outras — que um confinamento global, num tempo em que a técnica parece multiplicar as possibilidades e potencialidades do acesso (ao mundo, à informação, ao Outro) “à distância”, tornou urgentes.

O conceito central do título da obra — *touch*, cuja tradução seria não apenas “toque”, mas, mais apropriadamente, “toque/tacto” — e a importância atribuída à sua “recuperação” marcam presença recorrente no pensamento de Kearney. Neste sentido, o livro pode ser lido como uma expansão de ideias propostas em obras anteriores, como *On Stories* (2002) e *Carnal Hermeneutics* (2015), bem como dos princípios do seu Guestbook Project. No entanto, os raciocínios apresentados são tangíveis mesmo sem este contexto mais vasto do pensamento do autor — muito devido à argumentação bem ancorada numa panóplia imagética que vai desde a mitologia até à literatura científica, assim como ao contexto pandémico que torna os problemas abordados especialmente presentes.

A introdução do livro apresenta um primeiro apelo à recuperação, mediante a paisagem mediática contemporânea, da importância atribuída ao toque/tacto. Este apelo é realizado num contexto em que «o mundo é a nossa ostra com o pressionar de uma tecla» (3), e em que, segundo o autor, corremos o risco de nos tornarmos menos carne e mais imagem — uma “escarnação”. Cada capítulo subsequente envereda por uma estratégia distinta de (re)afirmação do papel fundacional do toque/tacto na experiência

do sujeito. O capítulo 1 estabelece o toque/tacto como o sentido que subjaz a todos os outros, na medida em que — e fica justificada a dificuldade de tradução de *touch* por uma única palavra — a percepção *sensível* (no sentido de dotada de *sensibilidade* ou *tacto*), a atenção ao Outro que é percebido, é um elemento transversal a todos os modos de acesso sensorial ao mundo. Assim sendo, o toque enquanto algo literal é expandido para uma noção de tacto que inclui todos os outros sentidos. O capítulo 2 parte de Aristóteles, historicamente derrotado na “batalha das ideias” pelo platonismo e pela primazia da visão, para defender o papel central da carne, e da mediação através do toque/tacto, na interpretação e orientação da experiência vivida. O argumento percorre, de seguida, a fenomenologia do século XX, passando por uma discussão de autores como Husserl ou Merleau-Ponty. Os capítulos 3 e 4 são dedicados a um dos temas fortes da obra de Kearney, o trabalho de reconhecimento e recuperação do trauma, aqui com enfoque particular no papel fundamental das respostas e marcas *encarnadas*, emocionais e corporais, no nascimento do trauma e no “sara das feridas” — inclusive, e de forma particularmente relevante tendo em conta os eventos em curso, no campo da medicina. O capítulo 5 — em cuja epígrafe se leem, significativamente, as palavras de Tomáš Halík, «*Technology connects us but does not bring nearness*» — elenca uma série de situações exemplificativas deste estado “escarnado” contemporâneo, entre a pornografia, a guerra e os videojogos, nas quais, na ausência de uma “mão para agarrar”, se torna, segundo o argumento, difícil uma relação com o outro marcada pela sensibilidade e o tacto. Uma breve conclusão inverte, até certo ponto, a aparente tragédia, referindo o potencial da tecnologia háptica e de uma (re)união entre a experiência “encarnada” e a experiência “virtual”. O encerramento da obra é feito por uma coda, escrita pouco depois do início dos confinamentos, em que Kearney, no seguimento da porta aberta deixada no quinto capítulo, afirma que a literal impossibilidade (a roçar a ilegalidade) do toque, fez com que «a imaginação humana respondesse inventando novas possibilidades de comunicação háptica» (139).

No panorama geral da obra, a questão aberta por Kearney prende-se, portanto, com o papel que a tecnologia desempenha na relação do sujeito com o Outro e com o mundo — e, conseqüentemente, com a sua própria subjetividade. Este problema — enquadrado numa perspetiva inspirada no horizonte teórico de Paul Ricoeur — é configurado nesta obra a partir da ideia de que é impossível conceptualizar a rede de relações do sujeito com o Outro, com a tecnologia, e *consigo mesmo*, sem conceptualizar a própria carne. A este propósito, Kearney afirma, em “The Wager of Carnal Hermeneutics”, que «antes de palavras, somos carne, carne que se transforma em palavras para o resto da nossa vida. A matéria, não menos do que a forma, é uma questão do que importa [do que se torna matéria]<sup>1</sup>» (Kearney 2015, 15). Para o autor, pensar a

<sup>1</sup> A frase original diz «Matter, no less than form, is about what matters», jogo de palavras impossível de reproduzir em português.

carne numa época em que se multiplicam as mediações *descarnadas* é, portanto, uma tarefa de urgência colossal.

A perspectiva que o autor apresenta neste livro é complexa e tem alguns momentos de indecisão — o que, dada a natureza do problema, poderá ser algo inevitável se se procura uma posição com alguma nuance, que não caia na pura tecnofobia ou tecnofilia. Por um lado, a proximidade com a postura crítica e reticente de Byung-Chul Han é evidente. Contido no conceito de “era da escarnação” e na própria argumentação e exemplificação mobilizadas ao longo da obra — frequentemente ancoradas no toque/*tacto literal* como exemplo do que é preciso recuperar, e no contacto tecnologicamente mediado como um *contacto* (parcialmente) destituído de *tacto* — está um pensamento que se vê refletido no argumento de *A Sociedade da Transparência*. A estrutura da comunicação mediada pela tecnologia contemporânea surge, aqui, como *aniquiladora da alteridade*, na medida em que o contacto *com tacto* com o Outro exige estar disposto a lidar com a «resistência do *outro*, [que] perturba e atrasa a comunicação lisa do igual» (Han 2014, 12). Para Kearney, este contacto com o Outro não é, manifestamente, direto ou transparente, não é um modo de acesso total; o toque, como modo primordial de relação com o mundo, não deixa de ser «enigmático», ainda que «cuidadosamente afinado» (Kearney 2021, 38). Nesta medida, é necessário que o sujeito realize um trabalho para manter a sensibilidade e a capacidade de «tocar e ser tocado» (Kearney 2021, 11). O medo de Kearney é que as relações tecnologicamente mediadas moldem os sujeitos enquanto «uma reiteração de Gyges, vendo tudo à distância sem verdadeiramente tocarem ou serem tocados por nada» (Kearney 2021, 115). Nesta situação, o mundo encontra-se tecnicamente acessível — poder-se-ia dizer, visível — mas sem que o acesso seja transformado em contacto. Para Kearney, esta é uma situação que ameaça fundamentalmente a «plena humanidade [que] requer a habilidade de perceber e ser percebido de volta» (Kearney 2014), isto é, de (re)conhecer e ser (re)conhecido.

Por outro lado, é necessário sublinhar que a sua visão é perfeitamente compatível — até alinhada — com a de autoras como Katherine Hayles, que de modo algum se podem caracterizar como avessas à mediação tecnológica e às possibilidades da tecnologia contemporânea. Encontramos neste livro não uma oposição, mas uma postura inquisitiva face à entrada do “Outro tecnológico” na ecologia do ambiente quotidiano. Ao reconhecer o papel fundamental do *tacto* — essa forma particular de atenção e sensibilidade que atravessa toda a percepção — Kearney expande o domínio do toque para além do sentido restrito, e, conseqüentemente, esse toque/*tacto* apresenta-se sobretudo como a sensibilidade para registar diferenças, distinções e singularidades no ambiente, não deixando, por isso, de ser uma forma de cognição e hermenêutica. As proximidades com o conceito de Katherine Hayles de «cognição não consciente» (Hayles 2017, 1) e a proposta de António Damásio em torno da relação sensível e afetiva do humano com o meio como sendo um elemento fundamental do conhecimento (Damásio 2021) são evidentes. Esta intertextualidade permite perceber o porquê de Kearney não rejeitar a possibilidade do

*contacto* tecnologicamente mediado e não enveredar inequivocamente por uma postura fatalista em relação à possibilidade de recuperação do toque/tacto *mesmo sem a rejeição da presença deste “Outro tecnológico”* no meio e nas relações humanas.

Não deixa, portanto, de ser algo paradoxal a sua postura face, por exemplo, aos videojogos, em relação aos quais afirma que o toque/tacto é eclipsado em favor da visão, bem como o exemplo que apresenta de utilização da tecnologia para criar empatia, que se concretiza numa literal extensão do toque em sentido estrito por meios tecnológicos. Parece indispensável, no contexto geral do argumento do autor, reconhecer que há a possibilidade de uma *hermenêutica carnal* — essencialmente, uma relação estético-afetiva com o mundo — em termos que não os do toque em sentido estrito. Nessa medida, a conclusão a que parece chegar na Coda é mais coerente com o panorama geral da obra — a conexão, o contacto, a co-constituição de sujeito e Outro, são passíveis de ser conseguidos de novas formas *com* as possibilidades tecnológicas contemporâneas, desde que os sujeitos sejam capazes de ter *tacto* (mais do que apenas toque).

---

**Bibliografia**

- Damásio, António. 2021. *Feeling & Knowing: Making Minds Conscious*. Nova Iorque: Pantheon Books.
- Han, Byung-Chul. 2014 [2012]. *A Sociedade da Transparência*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hayles, Katherine. 2017. *Unthought: The Power of the Cognitive Nonconscious*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kearney, Richard. 2014. "Losing Our Senses". *The New York Times*, August 30, 2014. <https://opinionator.blogs.nytimes.com/2014/08/30/losing-our-touch/>.
- Kearney, Richard. 2015. "The Wager of Carnal Hermeneutics". In *Carnal Hermeneutics*, edited by R. Kearney and B. Treanor, 15-56. Nova Iorque: Fordham University Press.

---

**Nota biográfica**

José Candeias é mestrando em Ciências da Comunicação (com especialização Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/NOVA). Tem investigado questões na intersecção entre teoria literária, teoria dos media e filosofia.

---

**ORCID iD**

[0000-0002-2197-2509](https://orcid.org/0000-0002-2197-2509)

---

**Morada institucional**

Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa, Portugal.

---

**Recebido** Received: 2021-02-27

**Aceite** Accepted: 2022-05-15

---

**DOI** <https://doi.org/10.34619/smlx-8o0a>